

Primeira parte

***Os Estudos Gerais – Universidade Sénior
do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo***

UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

1. O Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo

1.1. A fundação

Oficialmente, o Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo foi instituído a 18 de julho de 1967, data da aprovação dos seus Estatutos pelo Ministro da Educação Nacional, publicados no Diário do Governo, III.^a Série, N.º 186, de 10 de agosto de 1967.

No entanto, os “primeiros passos” começaram bem mais cedo. A 1 de dezembro do ano anterior ocorreu uma reunião de “sócios” e outros interessados, nas instalações no quartel dos Bombeiros Voluntários da vila¹. O decurso desse encontro revela a prévia existência de um projeto já em fase adiantada de elaboração, resultante de conversas e reuniões informais de um conjunto de ativistas, que entendeu ter chegado o momento de o darem publicamente a conhecer. Nele se constituiu a Comissão Organizadora² de um agrupamento já previamente batizado de *Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo*. Foi apresentado o seu Projeto de Estatutos, que mereceu algumas sugestões de emendas e alterações.

¹ *O Montemorense*, Montemor-o-Novo, N.º 743, de 5-2-1967, p. 1 e 2.

² Constituída por 15 personalidades, das mais destacadas e influentes do concelho: eng.º João Garcia Nunes Mexia, seu presidente e um dos principais impulsionadores da iniciativa e que também dirigiu esta primeira reunião pública. Dr. Artur Campos Figueira de Gouveia. O jornalista Leopoldo Nunes. António Lopes de Andrade Júnior, presidente da Câmara Municipal de Montemor. Maria Celeste Nunes Alfacinha Wandschneider. Maria Joana Lebre Amaral Rosado Pereira. Maria Helena Morgado Palhavã Malta. Eng.º João Rafael de Melo Mouzinho Almadanim. Dr. António Maria Malta Laboreiro de Villa-Lobos, notário na vila. Dr. Angelino Augusto Ferreira, veterinário. Dr. Augusto Moreira, conservador do registo predial. Padre Alberto Dias Barbosa, pároco da paróquia de N.ª S.ª da Vila, sedeada na igreja do Calvário. Salvador dos Santos, António Jacinto e Luís Joaquim Alves Catarino, comerciantes. *Idem*, p. 1.

Entre as demais diligências já desenvolvidas incluíam-se contactos com a Câmara Municipal montemorense e com a Junta Distrital de Évora, cujo presidente, dr. Armando Perdigão, manifestara “o maior interesse e simpatia pelo nascente Grupo”³. O dr. Perdigão colocara à disposição desta futura associação um subsídio de cinco mil escudos, a entregar quando os Estatutos estivessem aprovados oficialmente. E encarara a possibilidade de tal verba se vir a converter num subsídio anual.

Na reunião fixaram-se como valores mínimos da joia de inscrição no Grupo e da quotização mensal, os 10 e os cinco escudos, respetivamente. Mas considerou-se “indispensável” a existência de “um bom número” de quotas de 100 e de 50 escudos, além de uma joia de admissão “generosa”. Apenas deste modo consideravam ser possível desenvolver “iniciativas de vulto (...) decisivas para o verdadeiro progresso e desenvolvimento” do concelho e dos seus moradores⁴.

A Comissão Organizadora foi incumbida de algumas tarefas consideradas mais urgentes: angariar o maior número possível de sócios; desenvolver diligências para a criação de uma biblioteca-museu; e inventariar o património concelhio, as possibilidades de desenvolvimento económico, social, “espiritual e moral” do concelho e as suas potencialidades turísticas⁵.

No final do encontro foram aprovados dois votos de louvor. Um ao presidente da Câmara, dr. Lopes de Andrade, pelo apoio e estímulo dispensados aos promotores; e ao padre Alberto Dias Barbosa, “como primeiro impulsionador do Grupo”⁶.

No respeitante à angariação de sócios, o recém-criado agrupamento contou com a preciosa ajuda do jornal *O Montemorense*, propriedade do padre Alberto e em cuja sede estava provisoriamente instalado o Grupo. Em todos os números, o semanário apelava aos naturais do concelho para se associarem. E não apenas aos nele residentes, mas aos que viviam “de norte a sul” do país, nas “províncias ultramarinas” e ainda nos “mais longínquos lugares”.

A Comissão Organizadora emitiu também circulares, distribuídas porta a porta por todo o concelho, com uma nota explicativa das razões da criação do Grupo e com um talão anexo, para ser usado como ficha de inscrição, a remeter para a sede do *Montemorense*.

³ *Idem*, p. 1.

⁴ *Idem*, p. 1

⁵ *Idem*, p. 2.

⁶ *Idem*, p. 2.

Esta ideia da união da diáspora montemorense em torno do projeto viria mais tarde a resultar na constituição do Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor, a que faremos referência em capítulo próprio.

A tarefa de atrair novos associados foi, apesar da forte divulgação, mais difícil e morosa do que o inicialmente previsto pelos seus entusiásticos fundadores. Apesar de se declarar “sem preconceitos religiosos ou políticos”⁷ e “aberto a todas as pessoas, de qualquer condição social, sexo, cultura ou profissão”, que se interessassem pelo “bem e progresso” do concelho⁸, o Grupo tinha como promotores individualidades, que não obstante o prestígio de que usufruíam, retraíam, pela sua condição social, a maioria dos conterrâneos, numa sociedade ainda marcada por acentuadas clivagens de natureza socioeconómica e cultural. Os valores pecuniários estabelecidos para a adesão, embora não fossem elevados, representavam outro fator de inibição para o pobre meio montemorense, constituído maioritariamente por trabalhadores rurais, em grande parte analfabetos, por empregados do pequeno comércio local, com baixíssimos salários e dotados de um fraco índice de escolaridade e por uma indústria “quase inexistente”⁹.

Os desígnios de natureza económica do Grupo, que explicaremos mais à frente, embora, a serem alcançados, pudessem a médio prazo beneficiar a população em geral, no imediato apenas interessavam a uma minoria de proprietários rurais.

Há ainda a ter em conta o aspeto político. Os elementos mais dinâmicos do Grupo eram apoiantes do regime, num concelho em que o peso do Partido Comunista era considerável na área rural e a oposição não comunista tinha algum significado na zona urbana, embora difícil de determinar devido à inexistência de liberdade de expressão.

Não obstante, a intensa campanha de angariação de associados e a natureza consensual das atividades a desenvolver, determinaram que na altura da sua já referida criação oficial o número de sócios atingisse os 183¹⁰. Um ano mais tarde eram 198. Incluía grandes e médios proprietários agrícolas, médicos, engenheiros, juristas, professores, oficiais militares, comerciantes, industriais, escriturários e funcioná-

⁷ *O Montemorense*, N.º 745, de 19-2-1967, p. 1.

⁸ *O Montemorense*, N.º 746, de 26-2-1967, p. 1.

⁹ *O Montemorense*, N.º 791, de 7-1-1968, p. 3.

¹⁰ Arquivo do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo (doravante AGAM), *Atas da Direção. Janeiro de 1998 a fevereiro de 2008*, ata de 11-4-1998, f. 5v.

rios públicos. Vinte e quatro eram senhoras, entre professoras e domésticas, algumas familiares de sócios¹¹.

Este montante, contudo, era insuficiente para a concretização dos ambiciosos projetos dos dirigentes do Grupo, pois apenas um número bastante mais significativo, que expressasse a vontade de uma grande parte da população concelhia, poderia ter algum peso nas decisões governamentais.

Uma vez aprovados os Estatutos, foram eleitos os primeiros Corpos Gerentes a 26 de novembro de 1967, em assembleia geral realizada nas instalações da Sociedade Círculo Montemorense, vulgarmente designada por «Pedrista»¹².

A Mesa da Assembleia Geral ficou composta por quatro figuras cimeiras da sociedade local: como presidente, o grande proprietário agrícola dr. Alfredo Maria Praça Cunhal; como vice-presidente, o notário António Maria Malta Laboreiro de Villa-Lobos, que já integrava a Comissão Organizadora; como primeiro secretário, o padre António Lavajo Simões, pároco da Matriz da vila e professor do ensino secundário; e como segundo secretário, o dr. Alfredo Heliodoro dos Santos, subdelegado de saúde no concelho.

Quatro dos cinco membros da Direção transitaram da Comissão Organizadora, cujo presidente, o já referido eng.º João Garcia Nunes Mexia, continuou no mesmo cargo. O vice-presidente, o médico Nicolau José Torres, era o único não pertencente à anterior Comissão; o primeiro secretário era o padre Alberto Dias Barbosa, considerado o principal impulsionador do Grupo, como já referimos. O segundo secretário e o tesoureiro eram, respetivamente, o dr. Artur Campos Figueira de Gouveia e o comerciante Salvador dos Santos.

A presidir ao conselho fiscal ficou o presidente da Câmara António Lopes de Andrade, cujos vogais eram o eng.º João Rafael de Melo Mouzinho Almadanim e o médico veterinário Angelino Augusto Ferreira, todos transitados da Comissão Organizadora.

Este elenco, com poucas alterações, seria reconduzido nos dois triénios seguintes, permanecendo à frente dos destinos do Grupo dos Amigos de Montemor até 1976.

A figura mais prestigiada era sem dúvida o eng.º Mexia. Em 1961, após a morte de seu primo e cunhado, o eng.º António Justino da

¹¹ *O Montemorense*. Suplemento Especial, de 18-7-1968, p. 15-16.

¹² AGAM, *Atas da Assembleia Geral. Novembro de 1967 a fevereiro de 1978*, ata de 26-11-1967, f. 1-1v.

Costa Praça, tomou em mãos o grandioso projeto da edificação de uma nova casa para albergar os idosos do Abrigo dos Velhos Trabalhadores de Montemor-o-Novo. A obra foi inteiramente suportada pela família Costa Praça-Nunes Mexia, que ainda dotou a Associação de rendimentos que a ajudariam a sobreviver¹³.

A inauguração do grandioso e moderno edifício teve lugar a 13 de junho de 1967, um dia de festa para os idosos e para todos os montemorenses. Em sinal de reconhecimento por esta “obra do maior alcance social e humanitário” que contribuiu para “enriquecer o património do concelho”, o eng.º João Garcia Nunes Mexia seria, a 7 de setembro do mesmo ano, agraciado pela Câmara com o diploma de «Cidadão Honorário de Montemor-o-Novo», em sessão solene à qual compareceram entidades oficiais, personalidades do concelho e da região e “numeroso público”¹⁴.

Ainda antes da conclusão desta obra na qual despendera tanto esforço pessoal e recursos materiais, o incansável eng.º Mexia iniciava, estimulado pelo dinâmico padre Alberto, a concretização de outro projeto, não menos difícil e moroso, ligado à fundação e aos ambiciosos desígnios do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo. E o seu prestígio seria uma das principais causas da inscrição no agrupamento de pessoas desafetas ao Estado Novo¹⁵.

1.2. Os objetivos

Os fundadores resumiam, numa palavra, as razões da criação do Grupo: a “estagnação” de Montemor, em comparação com outras terras que tinham prosperado. Daí a decisão de “congregar os esforços de todos”, com vista ao seu “ressurgimento”¹⁶.

O Art.º 1.º dos Estatutos do GAM expressa essa intenção através de seis objetivos essenciais: estudo, divulgação, defesa e valorização do património histórico, artístico, monumental, arqueológico e etnográfico de Montemor e do seu concelho; elevação do nível cultural e social

¹³ Teresa Fonseca, *Para a história da assistência em Portugal. Do Asilo de Mendicidade ao Abrigo dos Velhos Trabalhadores*, p. 49-53.

¹⁴ *Idem*, p. 55-58.

¹⁵ Designadamente o diretor da Escola Industrial e Comercial, dr. Adriano Vaz Velho e vários elementos das famílias Pinto de Sá e Almeida Faria. Veja-se *O Montemorensense*. Suplemento Especial, de 18-7-1968, p. 15-16.

¹⁶ *O Montemorensense*, N.º 745, de 19-2-1967, p. 1.

da sua população; valorização urbanística de todos os aglomerados urbanos concelhios; o desenvolvimento económico; a divulgação e promoção turísticas; e a estreita colaboração com os organismos estatais que pudessem contribuir para o desenvolvimento de Montemor.

Para concretizar tão vasto programa, a primeira direção eleita constituiu quatro comissões, assim designadas: Comissão de cultura e desenvolvimento do património montemorense; Comissão pró-desenvolvimento industrial e agrícola; Comissão de turismo e propaganda; e Comissão de atividades artísticas e desporto¹⁷.

O Montemorense informava que estas não eram “Comissões de Honra” ou figuras decorativas, mas antes “grupos de trabalho”, cada um dos quais teria de elaborar o seu próprio programa de atividades¹⁸.

A primeira, presidida pela dr.^a Ana Ribeiro da Mota Vacas, professora de Física, Química e Matemática no Externato Mestre de Avis, do qual falaremos mais adiante, tinha como desígnio prioritário a salvaguarda do material achado nas mais de duzentas antas do concelho, exploradas pelo arqueólogo Manuel Heleno, bem como “o espólio já recolhido e a recolher” das Grutas do Escoural. Para os albergar, tencionava criar uma biblioteca-museu no convento de S. Domingos. Este monumento, contíguo ao novo edifício do Abrigo dos Velhos Trabalhadores, havia sido classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto 44.075, de 5 de dezembro de 1961. No entanto, continuava abandonado e em adiantado estado de degradação, ameaçando arruinar-se por completo, o que inviabilizaria a sua recuperação¹⁹.

Os mais antigos vestígios da presença humana na Gruta do Escoural foram descobertos casualmente a 23 de abril de 1963. A 25 de outubro do mesmo ano, como resultado das primeiras escavações promovidas pelo Museu Nacional de Arqueologia, o sítio era classificado como Monumento Nacional. E entre 1963 e 1965, o arqueólogo Manuel Farinha dos Santos, corroborado pelo colega francês de renome mundial André Glory, procedeu a estudos que permitiram guindar o local à categoria de uma das mais importantes estações arqueológicas da pré-história europeia²⁰.

¹⁷ *O Montemorense*, N.º 791, de 7-1-1968, p. 1 e 3.

¹⁸ *O Montemorense*, N.º 796, de 11-2-1968, p. 3.

¹⁹ *O Montemorense*, N.º 774, de 10-9-1967, p.1 e 4.

²⁰ António Carlos Silva, *Escoural. Uma gruta pré-histórica no Alentejo*, p. 25-38.

Todavia, por falta de verba, os trabalhos tinham sido suspensos durante dois anos. O Grupo obteve subsídios do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, da Junta Distrital, da Câmara Municipal de Montemor e da Junta de Freguesia do Escoural. E por conseguinte os trabalhos foram retomados em abril de 1968, de novo sob a direção de Farinha dos Santos. Os Amigos de Montemor tencionavam, logo que possível, abrir a Gruta ao público. E esperavam que o valor científico do seu espólio motivasse os organismos estatais a apoiarem a recuperação do Convento onde pelo menos uma parte deveria ser depositado²¹.

A consciência da importância arqueológica do concelho levou a que o recém-criado Grupo dos Amigos de Montemor organizasse, a 26 de novembro de 1967, uma conferência sobre o tema, no Cineteatro Curvo Semedo. Estiveram presentes “várias centenas de pessoas”²², incluindo o presidente da Câmara Municipal, um representante do Governador Civil do distrito e o diretor do Museu Nacional de Arqueologia. O texto da conferência foi editado num pequeno opúsculo, sendo esta porventura a primeira publicação da profícua atividade editorial do GAM.

No entanto, o restauro do velho edifício seria, pela complexidade burocrática e sobretudo pelo valor financeiro, uma tarefa difícil de concretizar. Para o efeito, a par das diligências junto de instituições públicas e privadas, o Grupo lançou uma intensa campanha de angariação de fundos, que ultrapassou largamente a dimensão concelhia. Apenas entre outubro de 1968 e janeiro de 1969²³, recolheu 233 donativos de valor entre os 2.500 e os 50 escudos e muitos mais abaixo desse montante, que não foram, pelo seu elevado número, objeto de publicação. Uma boa parte dos doadores vivia em Lisboa e em terras envolventes, como Caparica, Fogueteiro, Laranjeiro, Almada, Barreiro, Cova da Piedade, Moita, Azeitão, Amadora, Corroios, Alverca, Vila Franca de Xira e Cascais, localidades para onde decorrera, nesta década de sessenta, a grande emigração interna de alentejanos, incluindo montemorenses, uma boa parte dos quais virá a integrar o Núcleo de Lisboa do GAM.

Diversos contribuintes, provavelmente também montemorenses, viviam nos concelhos vizinhos de Alcácer do Sal, Évora, Arraiolos e

²¹ *O Montemorense*, N.º 802, de 24-3-1968, p.1 e 3. E N.º 804, de 7-4-1968, p. 1.

²² Manuel Farinha dos Santos, *Arqueologia no concelho de Montemor-o-Novo – realizações, problemas e perspetivas*, p. 3.

²³ *O Montemorense*, do N.º 831, de 13-10-1968 ao N.º 842, de 12-1-1969.

Vendas Novas. Outros residiam mais longe, como Nisa, Moura, Cartaxo, Peniche, Coimbra, Gouveia e Açores. Apenas três se encontravam no estrangeiro, dois na África do Sul e um na Alemanha. No entanto, as colónias de montemorenses nestes dois países mas também no Reino Unido, na Suíça e sobretudo em França, eram então bastante numerosas, o que evidencia o desinteresse desses expatriados pelo projeto ou a dificuldade de comunicação por parte dos promotores da iniciativa.

Enquanto aguardavam os desenvolvimentos da complexa questão do restauro do Convento, os membros da Comissão de cultura organizavam conferências sobre a Gruta do Escoural proferidas pelo dr. Farinha dos Santos ou visitas ao castelo e a outros monumentos e locais históricos da vila, guiadas pelo historiador eborense Túlio Espanca.

Entretanto, muitos associados e outros beneméritos do Grupo acabavam por ficar “desiludidos por não arrancarem as obras no convento”²⁴. E a falta de instalações limitava bastante a atividade do Grupo, que no início da década de setenta se encontrava numa situação de impasse. A sede provisória continuava nas instalações do *Montemorense* e as assembleias gerais iam sendo alternadamente efetuadas nas sociedades recreativas, no salão da sede dos Bombeiros Voluntários ou no Clube montemorense.

Finalmente, em novembro de 1970, a esperança renascia, com dois pareceres ministeriais favoráveis à recuperação²⁵. Estes, por seu turno, possibilitaram o desbloqueio da primeira doação oficial, proveniente do Ministério das Obras Públicas, que permitiu consolidar as paredes e repor o telhado²⁶. Em dezembro, chegava a comparticipação da Fundação Calouste Gulbenkian. A consistência dos apoios levou a direção do Grupo a tomar a decisão, já pensada desde 1967, de adquirir o edifício a restaurar, bem como o terreno envolvente, ao seu proprietário, António Romeiras Marques dos Santos, que o vendeu pelo módico valor de 200.000 escudos²⁷ e cuja escritura teve lugar a 25 de abril de 1972²⁸.

²⁴ *O Montemorense*, N.º 903, de 13-3-1970, p. 1.

²⁵ *O Montemorense*, N.º 942, de 29-11-1970, p. 1 e 3.

²⁶ *O Montemorense*, N.º 959, de 28-3-1971, p. 1 e 4. E N.º 960, de 4-4-1971, p. 4.

²⁷ AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, ata de 30-12-1971, f. 2.

²⁸ AGAM, *Atas da Assembleia Geral. Novembro de 1967 a fevereiro de 1978*, ata de 12-3-1972, f. 6v.-8.

Em fevereiro de 1974, a primeira fase do restauro estava quase concluída. No mês seguinte realizou-se pela primeira vez no Convento a assembleia geral do Grupo. E antes da reunião, “dezenas de sócios” percorreram os três pisos do edifício, conduzidos pelo presidente da direção. Neste então designado por “Centro de Atividades Culturais e Económicas”, previa-se a instalação dos museus de Arqueologia e de Arte Sacra; uma galeria de exposições nos claustros; dois auditórios na igreja; e uma biblioteca, cuja sala estava por acabar. O edifício acomodaria ainda a sede do Grupo, instalações para o diretor, uma secretaria e uma casa para um guarda permanente²⁹.

O presidente João Garcia Nunes Mexia, além da sua sempre “incansável” atividade, fez um donativo de 1.000.000 de escudos, que lhe mereceu um duplo voto “de homenagem e agradecimento”³⁰.

No plano económico o Grupo propunha-se desenvolver a agropecuária, “outroza próspera e hoje em aflitiva decadência”. Tal situação devia-se, em boa parte, a “certo atavismo indolente” dos montemorenses. Em lugar de contarem apenas com a ajuda dos organismos centrais, como sucedera até então, o agrupamento propunha-se, a nível local e regional, “descobrir os meios de obter maior valorização e rendimento dos campos e do gado”. Com esse objetivo, seria iniciado “um estudo sério da viabilidade de aproveitamento do [rio] Almansor e de (...) numerosas pequenas barragens (...) que no inverno inundam vastas áreas”, de modo a valorizar-se a terra através da “irrigação”, como tinha sido feito em Coruche, Mora, Évora e Alcácer do Sal. Outro dos objetivos era a “arborização, que regula e transforma o clima de uma zona”³¹. Com este intuito começaram por solicitar aos serviços florestais um estudo para o plantio de árvores no castelo, a concretizar na “próxima época”. Recorreram também a técnicos especializados para procederem a um “planeamento económico do concelho”³².

A tão almejada irrigação dependia da construção da barragem dos Minutos, prevista desde 1954 no Plano de Rega do Alentejo, mas cujo projeto tinha sido “quase votado ao esquecimento”³³. Os dirigentes do

²⁹ *O Montemorense*, N.º 1.120, de 27-4-1974, p. 1.

³⁰ *O Montemorense*, N.º 1.116, de 30-3-1974, p. 1 e 4.

³¹ *O Montemorense*, N.º 746, de 26-2-1967, p. 3.

³² *O Montemorense*, N.º 758, de 21-5-1967, p. 2.

³³ *O Montemorense*, N.º 810, de 19-5-1968, p. 1.

Grupo dos Amigos de Montemor batalharam, desde a primeira hora, por este desígnio. Em dezembro de 1967 efetuaram uma reunião no Grémio da Lavoura com os potenciais interessados, dinamizada pelo dr. Alfredo Cunhal e pelo eng.º Mexia, ambos grandes proprietários agrícolas. Foram explicadas aos presentes as diligências já efetuadas com vista à construção da barragem e foi proposta a constituição de uma «Associação de Regantes da Barragem dos Minutos»³⁴.

A Comissão pró-desenvolvimento industrial e agrícola, presidida pelo engenheiro António Aleixo Pais Vacas de Carvalho, ficou com esta árdua incumbência, ainda mais difícil que a recuperação do Convento de S. Domingos, pois a Barragem apenas entraria em funcionamento em 2003, como referimos.

Promoveram, entretanto, outras iniciativas no sentido de “conseguir uma progressiva e urgente evolução das mentalidades, de métodos e de processos de trabalho” na agricultura e na criação de gado. Desenvolveram esforços com vista à preparação de técnicos; procuraram incentivar a constituição de cooperativas agrícolas, comerciais e industriais; e tentaram motivar os agricultores para o investimento em indústrias complementares da agropecuária.³⁵

Em 1968 e 1969, a Comissão organizou, com o apoio do Grémio da Lavoura e do Clube de Montemor, vários colóquios em que entrevistaram, além de João Mexia, reconhecidos especialistas como os engenheiros António Lopes Ribeiro, Francisco Caldeira Cabral e Gonçalo Ribeiro Teles. No entanto, apesar dos esforços desenvolvidos, os resultados concretos ficaram bastante aquém do desejado e inicialmente previsto, devido a diversas razões: a falta de capitais dos proprietários montemorenses, aliada ao risco e à desconfiança perante investimentos inovadores; a evolução das “mentalidades”, bem mais lenta do que o desejado pelos dirigentes do Grupo; e o avultado investimento financeiro que a Barragem implicava, que não estaria incluído nas prioridades governamentais.

A Comissão de turismo e propaganda, destinada a promover a inventariação, preservação e divulgação das potencialidades turísticas do concelho, de modo a atrair mais visitantes, nacionais e estrangeiros³⁶, parece ter tido, nesta fase, ainda mais dificuldade em concretizar os seus objetivos. Comprovamo-lo pela intervenção do seu presidente,

³⁴ *O Montemorensense*, N.º 788, de 17-12-1967, p. 1.

³⁵ *O Montemorensense*, N.º 791, de 7-1-1968, p. 3.

³⁶ *O Montemorensense*, N.º 779, de 15-10-1967, p. 1.

Leopoldo Nunes, que em assembleia de sócios realizada a 17 de março de 1968, solicitava uma melhor clarificação e competências desta comissão³⁷.

A Comissão de atividades artísticas e desportivas, presidida, na sua fase inicial, por António Feliciano Couto, tinha como objetivos: desenvolver atividades de teatro, música, fotografia, folclore, pintura e artesanato, protegendo e animando os agrupamentos já existentes; e incrementar a prática dos desportos e atividades físicas, em estreita colaboração com os estabelecimentos de ensino³⁸. Nesta primeira fase da vida do GAM não ficou registada qualquer atividade desta Comissão, o que não significa que não a tivesse desenvolvido.

1.3. O Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo

Como vimos, o GAM possuía muitos “amigos” em Lisboa e nas localidades envolventes. Porventura estimulados pela conclusão da primeira fase das obras de restauro do Convento de S. Domingos, para as quais tinham contribuído, estes montemorenses decidiram organizar-se.

Promoveram uma primeira reunião a 22 de março de 1974, na Casa do Alentejo, de cuja direção era membro o montemorense António da Costa Ferreira. As intenções dos 11 ativistas presentes eram ainda um tanto vagas. Procuravam “um meio para que possamos ser úteis de qualquer modo à nossa terra”. E após uma discussão efetuada “com espírito construtivo e bairrista”, consideraram a possibilidade “da criação de um Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo e seu concelho, radicados na região de Lisboa”³⁹.

Procederam em seguida a um levantamento dos montemorenses residentes na capital e em concelhos limítrofes⁴⁰, incluindo os da Margem Sul. Numa reunião ocorrida a 19 de abril foram apresentados e discutidos três possíveis modelos de organização do grupo: um núcleo de

³⁷ AGAM, *Atas da Assembleia Geral. Novembro de 1967 a fevereiro de 1978*, ata de 17-3-1968, f. 2-3.

³⁸ *O Montemorense*, N.º 779, de 15-10-1967, p. 1. E N.º 794, de 28-1-1968, p. 1.

³⁹ *Livro de Atas N.º 1 do Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo (1974-1976)*, ata de 22-3-1974, f. 1. Agradeço ao senhor António Joaquim Lobo da Silveira Romeiras, um dos fundadores e dos principais ativistas do Núcleo de Lisboa do GAM, a possibilidade da consulta destas atas.

⁴⁰ *Idem*, ata de 9-4-1974, f. 1-1v.

trabalho autónomo; um “conselho regional” da Casa do Alentejo; ou um núcleo do Grupo dos Amigos de Montemor, tendo esta última hipótese sido aprovada pela unanimidade dos 29 elementos presentes⁴¹.

A 11 de maio, promoveram um almoço na Casa do Alentejo, com a presença de membros da direção do Grupo. E a 23 de junho, foi a vez do Núcleo de Lisboa voltar a Montemor, para um segundo convívio, nos claustros do Convento da Saudação. Eram mais de meia centena de “amigos” e por isso viajaram de autocarro, alugado para o efeito. Durante a manhã visitaram, com a orientação do doutor Banha de Andrade, o convento da Saudação, também ele a necessitar de restauro urgente e a ermida de N.ª S.ª da Visitação. Em seguida, guiados pelo eng.º João Garcia Nunes Mexia, percorreram o “quase restaurado” convento de S. Domingos. Da parte da tarde, visitaram a Gruta do Escoural⁴².

O Núcleo assumiu como uma das suas primeiras tarefas a elaboração de um guia turístico sobre Montemor e o seu concelho, procurando, por alvitre do doutor António Alberto Banha de Andrade, o apoio da Câmara Municipal para a sua impressão e divulgação⁴³.

Em julho, formalizou a sua constituição. Para a direção foram eleitos: Albino Maria Maia Sampaio, presidente; Francisco Manuel Marques de Almeida e Armando Humberto de Oliveira Júnior, secretários; e António Joaquim Lobo da Silveira Romeiras, tesoureiro. A direção do Grupo concordou que 80% das quotas cobradas pelo Núcleo de Lisboa ficariam na sua posse e 20% reverteriam para a sede, em Montemor⁴⁴.

Do programa do Núcleo constava a elaboração de uma monografia de Montemor-o-Novo. Para o efeito, o doutor Banha de Andrade contactara o dr. Angelino Ferreira, como vimos um dos fundadores do Grupo dos Amigos de Montemor, com o objetivo de consultar a sua preciosa documentação histórica. Decidiram, em cada um dos almoços-convívio a promover, homenagear conterrâneos ilustres, sendo os dois primeiros o poeta e dramaturgo Manuel Fragoso e o jornalista e crítico tauromáquico Leopoldo Nunes⁴⁵.

⁴¹ *Idem*, ata de 19-4-1974, f. 1v.-2v.

⁴² *O Montemorense*, N.º 1127, de 15-6-1974, p. 3. E N.º 1129, de 29-6-1974, p.1.

⁴³ *Livro de Atas N.º 1 do Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo (1974-1976)*, ata de 5 de julho de 1974, f. 3v.-4.

⁴⁴ AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, ata de 19-7-1974, f. 3v.

⁴⁵ *Idem*, ata de 2-8-1974, f. 5.

Ainda em 1974, nas vésperas do Natal, os “amigos” de Lisboa trouxeram a Montemor vários automóveis carregados de donativos em roupa e alimentos, que distribuíram por famílias carenciadas e “Casas de Caridade”⁴⁶.

Em novembro de 1975, homenagearam o Grupo União Sport da sua terra natal a propósito do seu 61.º aniversário e de modo mais concreto os jogadores das épocas desportivas de 1928 a 1930. No almoço, participaram as direções do GAM e do União, além de vários jogadores⁴⁷.

Em estreita colaboração com o Grupo de Montemor, fizeram um apelo a “pessoas generosas e cultas” para depositarem no Museu de Arqueologia do Convento de S. Domingos, em fase de organização, “peças de reconhecido interesse histórico”. E ainda em 1975, o doutor Banha de Andrade apresentou ao Núcleo o plano dos *Cadernos de História de Montemor-o-Novo*, posteriormente publicados pelo Grupo dos Amigos de Montemor e pela Academia Portuguesa de História e ainda hoje do maior interesse para o conhecimento da história do concelho⁴⁸.

Angariaram o material para o Museu de Tauromaquia, a instalar no Convento de S. Domingos⁴⁹. Financiaram a iluminação da sala a ele destinada. Forneceram sacos de cimento para o seu restauro através da “campanha do cimento” e alguns pedreiros pertencentes ao Núcleo ofereceram a mão-de-obra⁵⁰. Integraram a «Comissão Pró-Monumento a Mestre Simão da Veiga». E contribuíram para o restauro da ermida de N.ª S.ª da Conceição, situada nas imediações de Montemor⁵¹.

A 10 e 11 de abril de 1976, visitaram mais uma vez a vila natal e aqui comemoraram, com um almoço junto à antiga igreja de S. Tiago, o seu segundo aniversário. Nesses dias procederam à limpeza do recinto do castelo. Colocaram sinalização nos lugares e edifícios históricos no interior do recinto amuralhado. Puseram a descoberto parte da calçada medieval que conduzia ao adro da antiga igreja de N.ª S.ª do

⁴⁶ *O Montemorense*, N.º 1154, de 21-12-1974, p. 10.

⁴⁷ *Livro de Atas N.º 1 do Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo (1974-1976)*, ata de 24-10-1975, f. 7 v. O almoço de homenagem teve lugar a 22 de novembro. *Idem*, ata de 7-11-1975, f. 9.

⁴⁸ *Idem*, ata de 24-10-1975, f. 8-8v.

⁴⁹ *Idem*, atas de 21-11-1975, f. 9-9v e de 9-1-1976, f.-10v.-11. A coleção foi inteiramente oferecida por frei Vicente de Paulo, Irmão da Ordem Hospitalreira de S. João de Deus e filho de um montemorense.

⁵⁰ *Idem*, ata de 6-2-1976, f. 11v.

⁵¹ *Idem*, ata de 9-1-1976, f. 10v.

CADERNOS DE HISTÓRIA DE MONTEMOR-O-NOVO

- 3 -

ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE

BREVE HISTÓRIA DAS RUÍNAS
DO ANTIGO BURGO E CONCELHO
DE MONTEMOR-O-NOVO

EDIÇÃO DO GRUPO DOS AMIGOS DE MONTEMOR-O-NOVO
E DE «A DEFESA»

ÉVORA — 1977

Bispo, com instrumentos cedidos pela Câmara Municipal. No final do almoço comemorativo ocorreu um espetáculo de “variedades”, que incluiu uma exibição do Rancho dos Fazendeiros de Montemor. Estiveram presentes mais de 140 pessoas, incluindo residentes da vila⁵².

Nos anos seguintes promoveram Jogos Florais. Organizaram almoços-convívio na Casa do Alentejo ou em Montemor, que incluíam sempre a atuação de um grupo coral, musical ou folclórico montemorense. Promoveram feiras do livro e exposições. Levaram à capital bandas de música, ranchos folclóricos, conjuntos musicais e grupos cénicos da sua terra. Por altura da Feira da Luz promoviam excursões de montemorenses à mais importante festa da sua terra. Do programa constava habitualmente uma visita ao Convento e aos seus núcleos museológicos, ao castelo e a outros locais de interesse.

Em 1980 publicaram, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura e da Casa do Alentejo, os contos, sonetos, poesias e quadras vencedores dos três primeiros prémios nas três primeiras edições dos Jogos Florais⁵³.

A 4 de junho de 1983 prestaram uma homenagem póstuma ao professor doutor Banha de Andrade, falecido a 5 de junho do ano anterior. Desse preito fez parte o descerramento de uma lápide na casa onde nasceu o ilustre montemorense, ex-presidente do Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo e durante vários anos responsável pela sua atividade editorial⁵⁴. O doutor Banha de Andrade tinha sido um dos fundadores do Núcleo de Lisboa e um dos seus membros mais ativos, servindo de elo de ligação com o Grupo de Montemor.

A 24 de abril de 2004 assinalaram o 30.º aniversário da sua fundação. Além do almoço habitual na Casa do Alentejo, promoveram, da parte da tarde, um concerto musical pelo conjunto Ensemble Monte Mor, seguido da apresentação de um livro de poesia do montemorense Manuel Justino⁵⁵.

⁵² *Idem*, ata relativa ao “Encontro em Montemor-o-Novo” de 10 e 11 de abril de 1976, f. 14v. 15.

⁵³ *Jogos florais do Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo*, Lisboa, Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, 1980. A publicação compreende os prémios dos concursos de 1977/1978, 1979 e 1980.

⁵⁴ *Idem*, ata de 8-1-1984, f. 33-34v.

⁵⁵ Documento disponibilizado pelo dirigente do Núcleo de Lisboa do GAM, senhor António Joaquim Romeiras.

**JOGOS FLORAIS DO NÚCLEO DE LISBOA
DO
GRUPO DOS AMIGOS DE MONTEMOR-O-NOVO**



**CONTOS, SONETOS, POESIAS E QUADRAS
QUE OBTIVERAM 1.º, 2.º E 3.º PRÉMIOS
NOS I, II E III JOGOS FLORAIS**



**EDIÇÃO DO NÚCLEO DE LISBOA SUBSIDIADA PELA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA**

1980

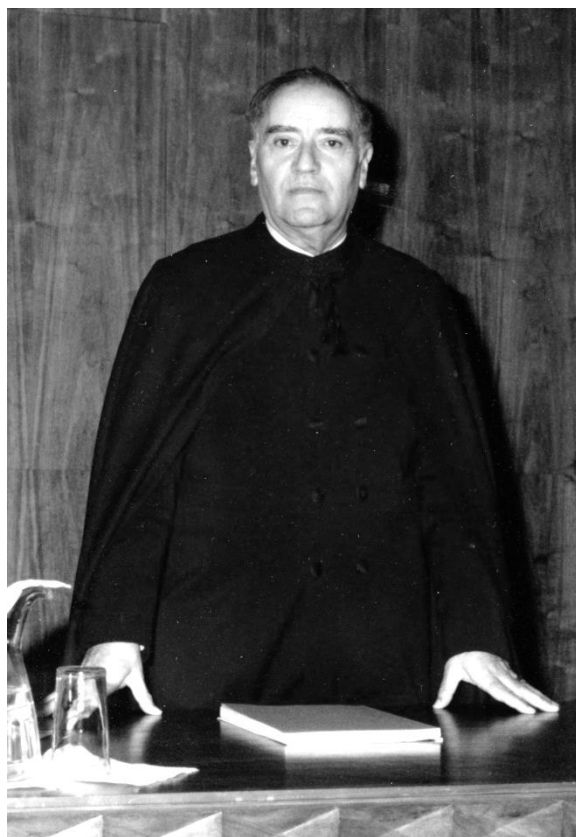
BIBLIOTECA
— DE —
MONTEMOR — O-NOVO

BOLETIM DO GRUPO DOS AMIGOS DE MONTEMOR-O-NOVO

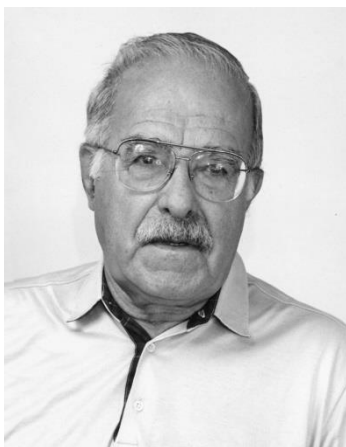
| | |
|---|---|
| DIRECTOR — Dr. M. Farinha dos Santos <i>Propried.: Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo</i> SEDE — Convento de S. Domingos 7050 MONTEMOR-O-NOVO | N.º 32-33 — 2 de Julho de 1982 Publicação Bimensal — Distribuição Gratuita Impresso: GRÁFICA EBORENSE Largo da Porta de Moura, 25 — 7000 ÉVORA |
|---|---|

O HISTORIADOR BANHA DE ANDRADE

(1915—1982)



Com o regresso definitivo a Montemor de António Joaquim Ro-meiras e o posterior falecimento de Albino Sampaio, os “amigos” de Lisboa foram perdendo gradualmente o espírito de iniciativa e a ener-gia das primeiras décadas, encontrando-se atualmente inativos.



Albino Sampaio. Fundador e presidente da direção do Núcleo de Lisboa do GAM

1.4. A ação do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo a partir do Convento de S. Domingos

A instalação do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo na sua se-de imprimiu-lhe uma nova dinâmica. Em 1976 começou o primeiro curso de alfabetização, lecionado pela dr.^a Ana da Mota Vacas. Com a ajuda de estudantes integradas no Serviço Cívico Estudantil, iniciou-se a organização da Biblioteca e do Museu de Etnologia. Finalmente dotado das condições adequadas, o Grupo passou a acolher exposições sobre os mais variados temas, com predomínio das atividades artísticas⁵⁶.

A Biblioteca seria solenemente inaugurada a 2 de maio deste ano. Contou com a presença do Diretor Geral do Património Cultural, que prometeu oferecer três “bibliotecas” (conjuntos de livros), destinadas a públicos infantil, juvenil e adulto⁵⁷.

⁵⁶ AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, atas de: 19-6-1976, f. 5v; e 27-7-1976, f. 6v.

⁵⁷ *Livro de Atas N.º 1 do Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo (1974-1976)*, ata de 7-5-1976, f. 17-17v.

Ainda em 1976 seria publicado o primeiro número do *Boletim do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo*, dedicado à divulgação das atividades do Grupo e da história de Montemor. Foi dado à estampa na data simbólica de 8 de Março, dia de S. João de Deus, natural e padroeiro da terra. Sob a direção do professor doutor Banha de Andrade saíram, regularmente, um total de 31 números. E após a morte do seu fundador, foram ainda dados à estampa seis números, sob a direção do dr. Farinha dos Santos.

BOLETA MUNDI
- DE -
MONTE-MOR - O - NOVO

BOLETIM DO GRUPO DOS AMIGOS DE MONTE-MOR-O-NOVO

CENTRO DE ACTIVIDADES CULTURAIS
E ECONÓMICAS (C. A. C. E.)
(Convento de S. Domingos)
MONTE-MOR-O-NOVO

N.º 7 — 1 de Janeiro de 1977
2.º ANO
Comp. e Imp.: Gráfica Eborense — EVORA

Montemor-o-Novo, encruzilhada de caminhos

No limiar do 2.º ano do nosso Boletim, queremos chamar a atenção para o duplo significado desta verdade, porque demais palpável, em qualquer mapa de estradas que abranja o Alentejo: encruzilhada, pelos caminhos que por ela passam e pela sua importância turística.

A estrada internacional Europa 4, que liga Lisboa a Espanha, atravessa a num dos extremos, abrindo caminho para toda a Europa. Como se exprimia um Pároco de 1758,

Salve-se a Baixa antiga de Montemor-o-Novo

(O que o Grupo gostaria de fazer — 1)

Quando a vila se começou a sentir asfixiada dentro das muralhas, expandiu-se para a planície, por onde passavam as estradas que a ligavam a Évora, Santarém, Lisboa, Alentejo e Sul do País. Era uma tentação morar à beira dos sítios de maior movimento, começando por construir vendas e estalagens. O arrabalde matou a vila de cima, como se vê no Cáderno Montemor-o-Novo Vila Rega-



A gravura mais antiga de Montemor-o-Novo (Desenho de Baldi, 1669)

«está esta villa no meyo da estrada rial por onde se comunica a corte de Lisboa com todo o Alentejo, Roma e muitas partes do Mundo.»

Em parte com este traçado, já noutros tempos servia, por ex. em 1576, para se ir comprar pão a Castela, seguindo até Évora e daí para Elvas e Olivença. Em 1503 utilizou-a o clérigo que de Montemor levou o pequeno João Cidade: «sobre la carretera de Badajoz que segue por Merida y Trujillo hacia Toledo, tocando en Oropesa».

Quando o Príncipe Cardeal Alberto partiu de Lisboa para Castela, mandou vir e concentrar nas vendas de Pegões, 170 carros e 100

(CONTINUA NA 1.ª COLUNA DA PÁG. 2)

lenga e o seu estado actual consta do novo Caderno Breve História das ruínas do antigo burgo e Concelho de Montemor-o-Novo.

Se voltamos hoje ao assunto, é para chamar a atenção para o facto de havermos perdido a alta da vila e correremos o risco de ficar sem a baixa antiga. Aliás, quem a distingue hoje, entre o casário que emoldura as ruas e praças?

E, contudo, há por aí dezenas de edifícios que reclamam maior respeito por pertencerem ao património artístico e cultural do nosso burgo. A zona que tem de merecer a melhor atenção dos montemorenses (autorida-

(CONTINUA NA 2.ª COLUNA DA PÁG. 2)

Em 1977, com o apoio da Direção-Geral do Património Cultural, os Amigos adquiriram mais de duas dezenas de “carros típicos de tração animal”⁵⁸ Neste mesmo ano inauguraram, a 17 de julho, a Sala de Olaria, com os objetos generosamente disponibilizados pela etnóloga, poetisa e crítica de arte dr.^a Margarida Ribeiro, autora do *Guia* da mesma Sala, editado pelo GAM na altura da inauguração. O espólio consta de 1020 peças, produzidas em território nacional desde o período pré-romano ao ano de 1962. Além desta valiosa coleção, encontram-se expostos objetos de vários tipos de olaria utilitária, encontrados no Convento durante as obras de restauro, datados do final do século XVI e inícios do século XVII⁵⁹.

Após o falecimento da ilustre colecionadora, ocorrido a 6 de maio de 2001, a direção atribuiu o seu nome a esta Sala, cujo espólio foi pouco depois definitivamente doado pela família ao Grupo dos Amigos de Montemor⁶⁰. A dr.^a Margarida Ribeiro tinha sido um elemento destacado do Grupo dos Amigos de Montemor e ainda do seu Núcleo de Lisboa, de cuja direção foi secretária, em 1975 e 1976⁶¹.

Em 1978 a Biblioteca encontrava-se já aberta diariamente ao público, depois de a apetrecharem com livros doados pela Câmara Municipal, por diversas entidades públicas e por particulares. Além dos cursos de alfabetização, havia também os de xadrez e jornalismo⁶².

Em 1979 alargaram os cursos de formação à música e ao canto coral, à educação física, à dramatização, às “artes domésticas” e ao artesanato regional. Fizeram gravações da música e letra de canções populares tradicionais. Realizaram 15 sessões de cinema. Prosseguiram o trabalho editorial. Prepararam diverso material de arqueologia, destinado à “sala de pré-história”, com o apoio e orientação de três arqueólogos e outros tantos auxiliares. No final do ano letivo, promoveram um convívio com os participantes nas diferentes atividades,

⁵⁸ AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, ata de 16-9-1977, f. 9-10.

⁵⁹ *Guia da Sala de Olaria Portuguesa do Museu de Arqueologia e Etnologia (Convento de S. Domingos). Montemor-o-Novo*, Montemor-o-Novo, Centro Cultural de S. Domingos do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, 1977.

⁶⁰ *Boletim do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo*. N.º 1, II Série, de 30-1-2002.

⁶¹ *Livro de Atas N.º 1 do Núcleo de Lisboa do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo (1974-1976)*, atas de 12-9-1975, f. 6v.-7 a 20-8-1976, f. 24v.-25v.

⁶² AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, ata de 25-11-1978, f. 12.

GUIA
DA
SALA DE OLARIA PORTUGUESA
DO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
(Convento de S. Domingos)
MONTEMOR-O-NOVO



CENTRO CULTURAL DE S. DOMINGOS
DO
GRUPO DOS AMIGOS DE MONTEMOR-O-NOVO

“que decorreu num ambiente festivo e de grande amizade”⁶³. E pela mesma altura encetaram um intercâmbio cultural com a Universidade de Évora⁶⁴, que viria a concretizar-se, nas décadas seguintes, através de conferências e outras iniciativas.

Na década seguinte prosseguiram as obras de restauro do edifício conventual, destinadas à instalação do Museu de Arqueologia, mais uma vez com o precioso contributo da Fundação Calouste Gulbenkian. Intensificaram-se as relações com o Núcleo de Lisboa, as associações congéneres da Vidigueira, Arraiolos, Redondo, Monsaraz e Estremoz, as autarquias montemorenses, as diversas instituições culturais de âmbito local e regional e com o poder central, designadamente a Secretaria de Estado da Cultura, a Direção Geral de Educação de Adultos e o Instituto de Promoção Ambiental.

A 15 de janeiro de 1983 começaram as aulas da Escola de Equitação⁶⁵, com a colaboração de um instrutor do posto local da GNR⁶⁶. A Escola continua em grande atividade, apoiando a CERCIMOR e outras instituições de educação e ensino do concelho. Também na primeira metade desta década teve início a Escola de Tiro ao Alvo⁶⁷.

A 15 de março de 1986 era finalmente inaugurado o Museu de Arqueologia, sob a direção do arqueólogo Mário Varela Gomes. Grande parte do seu espólio tinha sido recolhido nas escavações da Gruta do Escoural e em diversas campanhas arqueológicas do concelho e fora previamente estudado e preparado no Museu Nacional de Arqueologia⁶⁸. No ano de 2001, receberia mais de 7.000 visitantes nacionais e estrangeiros, incluindo estudantes de todos os graus de ensino⁶⁹.

Na década de noventa abriu a já referida Sala de Tauromaquia⁷⁰.

⁶³ *Idem*, ata de 30-6-1979, f. 12v.-13.

⁶⁴ *Idem*, ata de 8-11-1979, f. 15-15v.

⁶⁵ Hoje Centro Hípico D. Duarte.

⁶⁶ AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, ata de 8-1-1984, f. 33. AGAM, *Atas da Direção. Outubro de 1985 a dezembro de 1997*, atas de: 23-3-1986, f. 5; e de 14-3-1987, f. 8v.

⁶⁷ AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, ata de 8-1-1984, f. 31v.-34.

⁶⁸ AGAM, *Atas da Direção. Outubro de 1985 a dezembro de 1997*, atas de: 24-1-1986, f. 3 v.-4; e de 14-3-1987, f. 8-8v-

⁶⁹ *Boletim do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo*. N.º 1, II Série, de 30-1-2002.

⁷⁰ AGAM, *Atas da Direção. Janeiro de 1998 a fevereiro de 2008*, ata de 18-12-1999, f. 23v.-24.

O ano de 1998 ficaria assinalado por dois eventos de grande significado para o GAM. A abertura dos Estudos Gerais, tema a desenvolver no próximo capítulo. E o anúncio, feito na sala da Biblioteca do Convento pelo então Secretário de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural, o montemorense Luís Capoulas Santos, do início da construção da Barragem dos Minutos, pela qual o Grupo tanto havia lutado desde a fundação⁷¹. Em 1999, o arquiteto e arqueólogo Mário Varela Gomes encetou a organização, no recinto da cerca conventual, de um Museu Agrícola⁷².

A 9 de dezembro de 2000 foi inaugurada a Sala do Brinquedo, que alberga uma vasta coleção de objetos de várias épocas⁷³.

O espaço conventual, além de proporcionar a abertura destes núcleos museológicos e o alargamento e diversificação das atividades atrás mencionadas, permitiu ainda acolher outras entidades. Em 1981, autorizaram um grupo de jovens a montar numa das suas salas uma estação de rádio amador⁷⁴. Em 1983, receberam o Rancho Infantil de Montemor-o-Novo, que aí ensaiava e tinha a sua sede⁷⁵. Dois anos mais tarde, albergaram o agrupamento montemorense do Corpo Nacional de Escutas, que fez do Convento a sua sede provisória⁷⁶. E em 1998 acolheram, durante algum tempo, os alunos apoiados pela Misericórdia montemorense em regime de ATL (Atividades de Tempos Livres)⁷⁷.

O prestigiado Coral de S. Domingos, de Montemor-o-Novo, com digressões por nove países europeus e vários discos gravados, nasceu, em janeiro de 1987, na Igreja do Convento de S. Domingos, ao qual deve o nome. Neste belo templo quinhentista continua a promover ensaios e dar alguns dos seus vários espetáculos anuais, incluindo encontros de coros e vários concertos.

O GAM disponibiliza ainda as instalações para a realização de feiras do livro, de cursos promovidos pelo Centro de Emprego, de reuniões de agricultores, de congressos e de exposições da iniciativa

⁷¹ *Idem*, ata de 27-6-1998, f. 8v.-9.

⁷² *Idem*, ata de 25-9-1999, f. 22 v.

⁷³ *Idem*, ata de 25-11-2000, f. 27v.-28.

⁷⁴ AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, ata de 26-3-1981, f. 22-23.

⁷⁵ *Idem*, ata de 8-10-1983, f. 30 v.-31.

⁷⁶ *Idem*, ata de 28-6-1985, f. 43-44.

⁷⁷ AGAM, *Atas da Direção. Janeiro de 1998 a fevereiro de 2008*, ata de 25-9-1998, f. 12.

escolas, núcleo de escuteiros, IPSS, etc. E por sua iniciativa, continua a promover exposições e conferências sobre os mais variados temas: arqueologia, história, saúde, proteção civil e ambiente, educação, filosofia, cultura, religião, património histórico, tauromaquia, questões sociais, fotografia, arte, literatura, filatelia, artesanato regional, etc. Após a conclusão da Barragem dos Minutos, têm organizado conferências sobre as potencialidades deste grande empreendimento, tal como o do Alqueva, para a economia da região⁷⁸.

Os Amigos promoveram ainda iniciativas no âmbito do Ano Internacional da Juventude (1985)⁷⁹ e do Ano Internacional do Idoso (1999)⁸⁰.

Em muitas das suas atividades, o GAM conta com a colaboração do Centro de Saúde, da Câmara Municipal, da Junta de Freguesia, da MARCA (Associação de Desenvolvimento Local de Montemor-o-Novo) da ARPI (Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos), das sociedades recreativas, das escolas dos vários graus de ensino, das instituições culturais e de solidariedade social do concelho, refletindo a sua estreita ligação à vida local.

No novo século, o Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo prosseguiu e intensificou as relações com o exterior. Inscreveram-se na Federação das Coletividades de Cultura e Recreio, como já o tinham feito antes com a Federação de Grupos de Amigos de Vilas e Cidades e com a Associação de Amigos de Museus. Continuaram a manter contactos com a Região de Turismo de Évora, com a Câmara desta cidade e com a de Mora. Reforçaram a amizade com os Grupos de Amigos de Palmela e de Montemor-o-Velho, com os quais trocam edições sobre as respetivas histórias locais. E os seus núcleos museológicos, além de receberem um número crescente de visitas, servem frequentemente de estudo a alunos de licenciatura e mestrado⁸¹.

⁷⁸ Vejam-se os livros de atas da Direção e da Assembleia Geral do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo. Sobre as Barragens do Alqueva e dos Minutos, cf. AGAM, *Atas da Assembleia Geral. Novembro de 2002 a novembro de 2014*, atas de 25-11-2006, f. 17v.-18; e de 1-12-2007, f. 22.

⁷⁹ AGAM, *Atas da Direção. Dezembro de 1971 a julho de 1985*, ata de 8-2-1985, f. 41-42.

⁸⁰ AGAM, *Atas da Direção. Janeiro de 1998 a fevereiro de 2008*, ata de 18-12-1999, f. 23v.-24.

⁸¹ AGAM, *Atas da Assembleia Geral. Fevereiro de 1978 a março de 2002*, ata de 5-5-2000, f. 32v.-33 e atas seguintes.